

IV Encontro Internacional sobre o Pragmatismo

JOÃO AUGUSTO MÁTTAR NETO

De 05 a 08 de novembro de 2001, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, foi realizado o IV Encontro Internacional sobre o Pragmatismo, coordenado pelos Profs. Drs. Ivo Assad Ibri e Edécio Gonçalves de Souza e promovido pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia, pelo Departamento de Filosofia e pelo Centro de Estudos do Pragmatismo da PUC-SP.

O evento reuniu pesquisadores nacionais e internacionais, contando com o apoio do Cel Lep, da Editora Vozes, da Livraria Max Limonad, da Livraria Portugal, da Palas Athena e do Toeic (Test of English for International Communication). O encontro contou com tradução simultânea, e os inscitos receberam, em cópia impressa, a tradução para o português de todos os trabalhos apresentados em inglês.

A abertura do evento contou com a presença de seus dois coordenadores, assim como do Prof. Dr. Antonio José Romera Valverde, chefe do Departamento de Filosofia da PUC-SP. Na primeira noite, o Prof. Dr. Cornelius F. Delaney, da Universidade de Notre Dame (EUA), leu o texto da Prof. Dra. Patricia Turrissi, da Universidade da Carolina do Norte, em Wilmington (EUA), intitulado *The Role of Pragmatism in Education*. Nele, Turrissi critica as filosofias de educação tradicionais, que “assumem que o aluno é uma caixa e o professor ensina colocando conhecimento na caixa”, e o construtivismo, que, com sua noção de “diferentes realidades construídas individualmente”, não admite que possamos “experimentalmente determinar a verdade sobre uma realidade independente”, defendendo então, um modelo de educação pragmatista, baseado no pragmatismo de Charles Sanders Peirce. Em seguida, o Prof. Dr. Ivo Assad Ibri, do Departamento de Filosofia da PUC-SP, expôs seu trabalho “A Vital Importância da Primeiridade na Filosofia de Peirce”, discutindo a pri-

meira das três categorias da fenomenologia peirceana, *firstness*, a qualidade de ser primeiro e espontâneo, que seria responsável pela diversidade do real. Para Ivo Ibrí, a primeiridade seria fundamental para a consideração de uma *filosofia genética*, que podemos encontrar no pensamento de Peirce. Um interessante debate se seguiu às duas apresentações, contando na mesa também com a participação do Prof. Dr. Pierre Livet, da Universidade de Aix-Marseille I - França, em que foram discutidas as estruturas do ensino superior nos Estados Unidos e na França, em comparação com a estrutura brasileira, além das palestras apresentadas na noite.

Na segunda sessão, o Prof. Cornelius Delaney apresentou seu trabalho *Peirce on Science and Metaphysics: some Critical Reflections*, discutindo a relação entre a investigação científica e metafísica, e os papéis desempenhados por ambas na obra do filósofo norte-americano. Em seguida, o Prof. Dr. Lauro Frederico Barbosa da Silveira, da UNESP de Marília, expôs seu trabalho "Primeiros Passos rumo à Verdade: uma Abordagem Semiótica", em que apresentou a semiótica em função das categorias fenomenológicas peirceanas, desenvolvendo uma interessante leitura semiótica da relação médico-paciente. Por fim, a Prof. Dra. Cheryl Misak, da Universidade de Toronto (Canadá), apresentou seu trabalho *Peirce on Truth and Ethics*, defendendo a idéia de que, para Peirce, nossos julgamentos morais aspiram à verdade, ao contrário da leitura tradicional de que, para o filósofo norte-americano, as idéias de verdade e crença não se relacionariam a questões vitais ou éticas. Novamente as palestras estimularam o debate, centrado, dentre outros pontos, na noção de sinequismo em Peirce, debate que abordaremos no final dessa notícia.

Na terceira sessão, o Prof. Dr. Jezio Hernani Gutierrez, da UNESP de Marília, leu o artigo da Prof. Dra. Leila Haparanta, da Universidade de Tampere (Finlândia), "On Peirce's Methodology of Logic and Philosophy", destacando o papel da observação, da geometria e da práxis na lógica e na filosofia peirceanas. Em seguida, a Prof. Dra. Maria Eunice Quilici Gonzalez, também da UNESP de Marília, apresentou seu trabalho "Abductive Reasoning and Self-Organization", utilizando-se de recursos audiovisuais para discutir a lógica da abdução e a criatividade a partir de Peirce. A última apresentação foi a do Prof. Dr. Edélcio Gonçalves de Souza, da PUC-SP, intitulada "Existência e Contradição", em que foram abordadas as lógicas paraconsistentes, que possuem teoremas contraditórios, desafiando assim o princípio da não-contradição da lógica clássica. Nas lógicas paraconsistentes, a contradição não implica a trivialização do sistema, e nelas podemos então assumir a existência de objetos contraditórios com propriedades bem definidas, que podem ser estudados como qualquer outro objeto da matemática ordinária. Mais uma vez, um acalorado debate encerrou a noite.

A última sessão iniciou-se com a leitura do texto da Prof. Dra. Sandra Rosenthal, que não pôde estar presente no evento, pois no momento em que se preparava para embarcar para o Brasil, foi barrada no aeroporto por não ter tirado o visto de entrada em nosso país. Ela enviou, então, a seguinte mensagem por e-mail:

“À Comunidade dos Participantes do IV Encontro Internacional sobre o Pragmatismo:

Estou escrevendo para dizer que meus pensamentos estarão com vocês durante o Encontro, do qual tentei em vão participar. Mesmo minha tentativa, como um último recurso, de enviar um vídeo de minha palestra, foi frustrada pelo FEDEX há pouco tempo. Eu sei que o Encontro é uma grande experiência para todos com ele envolvidos, e eu desejaria estar participando da boa filosofia e dos bons momentos de que todos vocês estão desfrutando. Alguém estará lendo meu texto por mim, mas eu também gostaria de estar aí para defendê-lo de todos os ataques que eu sei que ele receberá durante as discussões. Mas se vocês se sentirem frustrados por eu não estar aí, de maneira que não possam ter alguma resposta pessoal da minha parte, não desanimem: estarei de volta no ano que vem, com um novo agente de viagens, um visto em mãos, e preparada para defender tanto este texto quanto o próximo.

Tudo de bom para todos vocês, e espero conhecer muitos de vocês no ano que vem.

Sandy Rosenthal”

Numa linguagem hegeliana, seu *Classical Pragmatism: a Systematic Overview* defende que o conceito de método científico no pragmatismo, quando adequadamente compreendido, seria capaz de fundar uma visão filosófica extremamente rica, ao contrário da interpretação que, em geral, faz-se da pobreza teórica do movimento. Em seguida à leitura do artigo de Rosenthal, o Prof. Dr. Pierre Livet apresentou, com o auxílio de desenhos, seu *Dewey and Beyond: from Inquiry to Revision*, em que critica o otimismo de Dewey em relação ao progresso das revisões de nossas concepções éticas, como se toda revisão implicasse progresso e aprimoramento, sugerindo como o ponto de referência em ética a nossa revolta contra a injustiça. O artigo de Livet apresenta uma brilhante comparação (que lembra, por sua extensão e complexidade, a famosa comparação de Saussure entre o jogo de xadrez e a língua, em seu *Curso de Lingüística Geral* entre a viagem por uma paisagem de montanhas e vales, de um lado, e o processo de revisão em ética, de outro lado. A palestra de encerramento do evento foi apresentada pela Prof. Dra. Lucia Santaella, da PUC-SP, intitulada “Os Significados Pragmáticos da Mente e do Sinequismo em Peirce”, em que ela faz um revisão dos conceitos de continuidade e acaso na obra do filósofo americano. Santaella defende que a hipótese do sinequismo, como princípio regulador da lógica, procura evitar as noções de que alguns fenômenos sejam inexplicáveis, uma vez que o sinequista defende que a única justificativa para uma hipótese é a de que ela forneça uma explicação para os fenômenos.

O público de algumas noites do encontro superou as 120 pessoas, bem acima da média dos eventos anteriores, que contaram também com diversos convidados estrangeiros. Durante o encontro foi lançado o segundo número da revista de filosofia *Cognitio*, que reuniu, além de contribuições recebidas, os trabalhos apresentados durante o III Encontro sobre o Pragmatismo, realizado em 2000, incluindo artigos de professores das universidades de Boston, Harvard e Indiana. A *Cognitio* propõe-se a divulgar artigos que abordem temas relacionados ao universo teórico do pragmatismo clássico e contemporâneo. Os artigos, publicados em inglês, têm sido apresentados em versão bilíngüe, e as versões para o inglês dos artigos originalmente redigidos em português estão disponíveis no banco eletrônico de traduções da revista e podem ser solicitados pelo e-mail revcognitio@uol.com.br. Nesse segundo número, *Cognitio* apresenta um artigo sobre a atividade de tradução de filosofia. O primeiro número da *Cognitio* inclui os trabalhos apresentados durante o I e II Encontros sobre o Pragmatismo, realizados respectivamente em 1998 e 1999.

Tanto o Encontro sobre o Pragmatismo quanto a *Cognitio* têm se estabelecido como espaços para o desenvolvimento de um fértil diálogo entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Levando-se em consideração os quatro encontros até agora realizados, e os dois números já publicados da *Cognitio*, pode-se identificar pelo menos sete temas gerais que têm sido abordados e desenvolvidos pelo Centro de Estudos do Pragmatismo da PUC-SP e que se estabelecem, por consequência, como linhas de pesquisa:

- a) os conceitos de “ciência”, “método científico” e “investigação científica” para o pragmatismo;
- b) as relações entre ciência e metafísica na obra de Charles Sanders Peirce;
- c) o estudo das relações entre as três categorias fenomenológicas peirceanas (primeiridade, segundidade e terceiridade);
- d) a semiótica baseada na obra de Charles S. Peirce;
- e) questões gerais de ética no pragmatismo;
- f) questões de lógica e verdade no pragmatismo;
- g) o estudo da abdução, dedução e indução no pragmatismo.

O IV Encontro mostrou, dentre outras coisas, que o neologismo peirceano *secondness* tem sido traduzido para o português de pelo menos duas maneiras distintas: *segundidade* e *secundidade*. *Secondness* significa, para Peirce, a qualidade de ser segundo. Portanto, assim como *firstness* (a qualidade de ser primeiro) e *thirdness* (a qualidade de ser terceiro) são normalmente traduzidos por *primeiridade*

e *terceiridade*, a tradução de *secondness* por *segundidade* soaria mais natural e coerente (nos três casos, estaríamos realizando o mesmo processo, retirando a letra “o” do final das palavras e acrescentando o sufixo “idade”).

Mas o que advogariam, então, os defensores da opção pela tradução por *secundidade*? Que assim se estaria respeitando a origem latina da palavra (*secundu*, em latim) e, principalmente, o processo de formação de palavras em português (no caso, regras de derivação). Ora, mas se a questão é essa, então as traduções de *firstness* e *thirdness* por *primeiridade* e *terceiridade*, respectivamente, não se sustentariam e precisariam ser alteradas, pois as origens latinas de “primeiro” e “terceiro” são, respectivamente, *primariu* e *tertiariu*. Se quiséssemos, portanto, respeitar o latim na formação dos neologismos para as categorias peirceanas, em português, poderíamos por exemplo imaginar os termos *primaridade* (qualidade de ser primeiro) e *terciaridade* (qualidade de ser terceiro), marcando a diferença em relação a *primariedade* (qualidade de ser primário) e *terceiridade* (qualidade de ser terciário) e, no mesmo sentido, teríamos ainda o par *secundidade* (qualidade de ser segundo) e *secundariedade* (qualidade de ser secundário). Ou seja, a opção por *secundidade* (com base no recurso do retorno à origem latina *secundu* da palavra portuguesa *segundo*) não permitiria, para manter a coerência, as opções por *primeiridade* nem por *terceiridade* (já que nestes dois últimos casos não se estaria respeitando a origem latina).

Além disso, o argumento de que *secundidade* respeita as regras de derivação da língua portuguesa também não se sustenta. *Secundário* vem do latim *secundariu* e não é resultado de nenhum processo de derivação da palavra portuguesa *segundo*. Ao contrário, há sim casos de derivação da palavra *segundo* em português, mas nos quais não ocorre a substituição da letra *g* pela letra *c*: p.ex., *segundanista* (*segundo* + *ano* + *ista*) e *segundeiro* (*segundo* + *deiro*). Portanto, não se justifica, por uma regra de derivação em português, criar o neologismo *secundidade*, ao invés de *segundidade*, para representar a qualidade de ser segundo (*secondness*, em inglês).

Assim, a gramática da língua portuguesa não pode ser justificativa para a opção por *secundidade*. De qualquer maneira, independente de regras gramaticais invioláveis ou da fixação na etimologia das palavras, o critério que deveria direcionar a criação de um neologismo em português, principalmente em se tratando do discurso filosófico, seria a máxima adequação possível da representação que o novo significante pudesse dar do significado pretendido. Ora, aplicando esse critério para o caso em questão e para o falante de português, a grafia e a sonoridade de *secundidade* acaba arrastando consigo automaticamente a idéia de *secundário*, no sentido de algo de menor importância, de pouco valor, insignificante, inferior – o

que, absolutamente, não tem relação semântica alguma com a idéia de *secondness*, para Peirce, e talvez até, em muitos sentidos, a contradiga. *Segundidade*, ao contrário, marca com precisão que estamos falando de algo relacionado a *segundo*.

Para encerrar, gostaríamos de reproduzir uma interessante polêmica que se estabeleceu virtualmente durante o IV Encontro sobre o Pragmatismo, mas que não pôde ser desenvolvida em maiores detalhes por falta de tempo – então, ela fica aqui registrada, como uma semente. A professora Karen Hanson (Universidade de Indiana – EUA), palestrante em 2000 no III Encontro sobre o Pragmatismo, foi citada durante o debate da segunda noite do IV Encontro. Como foram feitos alguns comentários em relação a sua posição, ela foi contatada por e-mail e acabou participando virtualmente da discussão. Para situar o leitor no debate, segue a mensagem enviada a Karen Hanson:

“O Prof. Livet perguntou se o sinequismo peirceano poderia ser testado de alguma maneira, ou se ele deveria ser considerado um tipo de teoria de *background*, que funcionaria sempre em sua generalidade, e o mundo seria então contínuo e descontínuo, não contradizendo a teoria geral. Eu procurei recolocar a questão nos termos de Popper: seria o sinequismo peirceano falseável? Quer dizer, poderíamos imaginar situações em que o sinequismo pudesse ser testado e contradito pela experiência? Avançando em minha pergunta, eu respondi: Sim! E não apenas ‘sim’ como uma possibilidade, mas parece que deparamos constantemente com inúmeras situações em que o sinequismo parece ser contradito pela experiência. Como um dos exemplos, apresentei a seguinte passagem do artigo que você apresentou no encontro do ano passado:

‘De forma a testar o sinequismo de Peirce, nós precisamos lembrar de outra ocorrência, relativamente incomum, mas ainda bastante freqüente, as características antagônicas da vida social. Se nós consideramos, por exemplo, alguns tipos terríveis de “violação física” – espancamento, estupro – nós podemos ficar terrivelmente em dúvida sobre o sinequismo e sobre a adequação moral da negligência de Peirce, sua depreciação, de nossa personificação separada.’

Eu dei outros exemplos, mas o ponto principal da argumentação seria que, fenomenologicamente, nós experienciamos todos os dias fatos que contradizem o sinequismo.

Então começaram as respostas, que procurarei resumir:

a) Não é verdadeiramente possível testar o sinequismo por métodos de observação direta. A única maneira possível de testar o sinequismo seria tomar o sistema peirceano (ou, ao menos, suas partes diretamente vinculadas ao sinequismo) e então testá-lo hipoteticamente, no sentido de que o sistema fracassaria em sua função de explicar o mundo. Mas, mesmo assim, você teria de ser capaz de sugerir outro sistema, que não contivesse o princípio do sinequismo e que explicasse a realidade com mais sucesso, e apenas então poderíamos dizer que o sinequismo teria sido falseado. Este foi basicamente o argumento do Prof. Delaney, que me parece um exercício de complicar incrivelmente a maneira de entender o critério de Popper, de forma a testar se uma teoria é científica ou não, cuja extrema complicação acaba por defender o sinequismo de Peirce contra praticamente todo tipo de teste.

b) Se vamos falar sobre psicologia, deveríamos usar uma linguagem e um arcabouço teórico

psicológicos, para dar conta de seus objetos. Portanto, seu exemplo não deveria ser levado em consideração, porque ele não se colocou em termos psicológicos. Alguns psicólogos, ao contrário, seriam capazes de dar conta do *self* provando a continuidade. Este argumento foi ainda completado pela afirmação de que não podemos psicologizar o sinequismo. É importante lembrar que só tivemos tempo de ler uma breve passagem do seu texto e, provavelmente, não foi possível compreender exatamente onde seu exemplo “psicológico” se inseria no contexto mais amplo do seu artigo. De qualquer forma, eu, particularmente, não vejo nenhuma psicologização do sinequismo em seu argumento, a menos que entendamos que seu exemplo é um exemplo “psicológico” – entretanto, se o sinequismo é um princípio geral, ele deveria dar conta da psicologia, assim como de qualquer outra área da investigação e da existência.

c) O Prof. Ivo Ibrí também respondeu, com diferentes argumentos. O sinequismo deveria ser considerado um tipo de princípio matemático, que não poderia ser testado contra a realidade, e para o qual o critério de Popper não poderia ser aplicado. Além disso, o sinequismo seria a condição *sine qua non* do pensamento, ou seja, seríamos incapazes de imaginar o mundo e o pensamento sem que pressupuséssemos o princípio do sinequismo. E, finalmente, o mundo se apresenta nas três categorias, uma das quais é a categoria de *alteridade* (segundidade), que daria conta dos exemplos como o seu e os meus, sem, entretanto, contradizer a teoria geral do sinequismo.

Se o critério de Popper não pode ser aplicado ao sinequismo, ou seja, se o sinequismo não pode ser testado, estamos falando de um conceito metafísico que parece contradizer o próprio método científico peirceano. Eu pessoalmente posso imaginar o mundo e o pensamento sem tal princípio metafísico primordial. Eu não vejo a necessidade de dar uma tal prioridade metafísica para a continuidade, de forma a explicar o universo – ao contrário, eu diria que uma explicação muito mais ‘científica’ da realidade afirmaria que os princípios da continuidade e descontinuidade interagem e que nenhum desses princípios deveriam ser elevados a uma posição de estatuto metafísico mais alto do que o outro. Ao contrário, se nós assumimos que o pensamento apareceu apenas na Terra e que, como Nietzsche diz, cedo desaparecerá, sendo um ponto singular e insignificante na história do universo (que continua muito bem sem ele), e inclusive que não há muito ‘pensamento’, em termos de continuidade, envolvido em grande parte das relações humanas na Terra, mesmo nos dias de hoje (estou pensando em crianças que morrem de fome, em guerras, na situação do Afeganistão etc.), eu inclusive me arriscaria a dizer que a continuidade desempenha um papel muito pequeno e insignificante na realidade.”

A resposta eletrônica de Karen Hanson foi imediata:

“Oi, João. É bom receber notícias suas e ouvir que as coisas estão tão vivas (como sempre) no evento. Eu gostaria de estar aí!

Certamente não posso afirmar que fiz um estudo acadêmico de todas as coisas que Peirce disse sobre o sinequismo – ou de todas as coisas que ele disse para definir e ilustrar o que ele chama de ‘sinequismo’ – mas me parece que ele invoca, muitas vezes explicitamente o sinequismo em contextos psicológicos, portanto, eu não posso compreender por que examinar sua adequação em tal contexto poderia ser considerado ilegítimo. Além do mais, eu concordo com o seu ponto mais geral: se o sinequismo é considerado um princípio bem geral, então ele deveria ser capaz de ‘dar conta da psicologia assim como de qualquer outra área da investigação e da existência.’

Vejam a definição em 6.168 [Collected Papers]: ‘O sinequismo é a tendência do pensamento filosófico que insiste na idéia de continuidade como tendo importância primordial em filosofia e, em particular, na necessidade de hipóteses envolvendo a verdadeira continuidade.’ Pode-se considerar que a leitura do prof. Ivo utiliza como fundamento esta linguagem da necessidade: afirmar que ‘nós não seríamos capazes de imaginar o mundo e o pensamento sem pressupor o princípio do sinequismo’ significa sugerir um tipo de prova transcendental para o princípio, e se o sinequismo é um princípio de fundo (e bem profundo), um tipo de axioma matemático para todo o pensamento, então, ele parece estar um pouco distanciado da possibilidade de negação pela experiência.

Mas também me parece que haveria uma tensão profunda e patentemente insatisfatória no pensamento de Peirce se ele precisasse defender que alguns princípios [significativos?] não possuem conseqüências imagináveis na experiência. Como isso, se coadunaria com a sua concepção pragmática do significado?

Eu aceito a observação do Prof. Delaney sobre a subdeterminação da teoria pela experiência, mas poderíamos considerar que a sua pergunta se coloca em um contexto argumentativo no qual essa observação geral sobre a subdeterminação seja aceita. Dada uma compreensão holística da maneira pela qual todas as teorias confrontam o mundo, não haveria, ainda, implicações específicas dessa teoria – afirmações particulares que derivariam do sinequismo – que parecem não ser correspondidas pela nossa experiência? Ou seja, não há características de nossa experiência ordinária que teriam de ser negadas ou radicalmente re-interpretadas (de uma maneira que mostraria que a nossa compreensão corriqueira dessas experiências fosse essencialmente errada ou ilusória) se o sinequismo tivesse de ser mantido? (Ou, falando de uma maneira mais direta, não seríamos levados a revisar o sinequismo, ou então a revisar nossas experiências?)

E se o sinequismo é ‘a tendência do pensamento filosófico que insiste na idéia de continuidade como tendo importância primordial em filosofia,’ parece-me ter sentido interrogar a fertilidade dessa tendência, a adequação dessa insistência, em todos os campos da filosofia – incluindo a filosofia moral e a psicologia filosófica. E um pragmatista pode investigar satisfatoriamente a adequação de uma idéia considerando suas conseqüências: Quais são as conseqüências (p.ex., para a filosofia moral e para a nossa compreensão da pessoa) de negar nossa qualidade de separação (*separateness*), ou insistir que a separação aparente (e a privacidade etc.) são fenômenos superficiais que deveriam ser superados, ou poderiam ser melhor compreendidos por ‘hipóteses envolvendo a verdadeira continuidade’?

Não se tornariam ininteligíveis algumas preocupações sobre a justiça distributiva? E o que dizer a respeito de alguns ideais de autonomia e respeito? E se esses fenômenos tivessem de ser negados caso a hipótese da continuidade fosse mantida, não poderíamos pensar, ‘a revisão deveria ir na outra direção; nosso sentido de privacidade e justiça (etc.) não pode ser abandonados – nossa experiência de isolamento, nosso sentimento de ultraje em relação à injustiça são tão profundos –, então, nós teríamos de abandonar a hipótese da continuidade ubíqua’?

Lamento que o avançar da hora force-me a parar, justamente quando estou esquentando! Novamente, eu adoraria estar aí com todos vocês. Fortes lembranças, e deixe-me saber como tudo se desenrola!

Karen Hanson

07 de novembro de 2001 (por e-mail)”

Sem dúvida a palestra da Prof. Santaella, na última noite do IV Encontro sobre o Pragmatismo, responde a algumas das questões levantadas e mostra a ingenuidade de outras, principalmente em sua conceituação da relação entre acaso e continuidade em Peirce, mas infelizmente não há tempo para reproduzi-la aqui – o texto da Prof. Santaella, de qualquer maneira, será publicado no próximo número da *Cognitio*.

O Prof. Ivo Ibrí leu o texto dessa notícia e fez questão de clarificar o que disse durante o debate, o que, com certeza, ajuda a responder muitas das questões levantadas e a desfazer equívocos. Segundo o professor Ibrí, o sinequismo é uma teoria de origem matemática e remonta a Aristóteles. A questão envolvida na teoria do *continuum* é exatamente a mesma questão do realismo. Peirce, na maturidade, substitui a questão: “há universais reais?” por “são reais alguns *continua*?”. Assim, a questão é ampla e implica na realidade da terceiridade, que é a categoria que envolve necessariamente continuidade. “Testar” a teoria significa verificá-la por meio da segundidade, ou seja, pelo modo fenomenológico como a terceiridade aparece. E a segundidade é o próprio universo do descontínuo. Seríamos incapazes de exercer o pensamento e de pensar o mundo sem a pressuposição do princípio do sinequismo, pois é ele que estabelece relações gerais (contínuas, portanto) no descontínuo da existência, tornando-a ordenada e passível de ser conhecida. O Prof. Ivo lembrou ainda as palavras de Peirce que ilustram o *non sense* de um descontínuo desordenado: “Caos é puro nada” (Collected Papers - 5.431)

A questão é ampla, e as inquietações de Karen Hanson não foram com certeza todas respondidas. Além da apresentação de pesquisas, uma das funções dos encontros sobre o pragmatismo deveria ser justamente esta: estimular polêmicas sobre pontos em que os pesquisadores não estão de acordo. Nesse sentido, já está programado para os dias 04 a 07 de novembro de 2002, também na PUC-SP, o V Encontro sobre o Pragmatismo, que contará novamente com importantes nomes da filosofia nacional e internacional, e que dará seqüência ao debate.

JOÃO AUGUSTO MÁTTAR NETO é doutorando no PEPG em Filosofia na PUC-SP.